

ARTEFATOS RECUPERADOS, MEMÓRIAS RECONTADAS: JORNALISMO, MEMÓRIA SOCIAL E ESCUTA SENSÍVEL APÓS A ENCHENTE EM PELOTAS

ENZZO LOPES RODRIGUES¹; LARA NASI²

¹Universidade Federal de Pelotas – enzzolp14@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lara.nasi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Mais de um ano se passou desde as enchentes de maio de 2024 que assolaram mais de 400 municípios do Rio Grande do Sul. Pelotas foi uma das cidades afetadas, onde o canal São Gonçalo e a Lagoa dos Patos invadiram diversos bairros levando à perda de objetos de muitas pessoas. Em agosto do mesmo ano, nasceu o projeto de extensão ‘Artefatos Recuperados, Memórias Recontadas: Histórias de Pessoas Atingidas pela Enchente em Pelotas’, que atualmente se encontra em sua segunda fase. A iniciativa surgiu a partir das ações realizadas pelo projeto de extensão Reconstruindo Lares: Projeto de Extensão para a Manutenção de Eletrodomésticos em Famílias Afetadas por Enchentes em Pelotas, das Engenharias da UFPel.

O projeto das engenharias concentrou-se no conserto de eletrodomésticos danificados pelas enchentes, trabalho realizado por estudantes, docentes e técnicos de diversos cursos da área. Já a proposta do curso de Jornalismo foi dar visibilidade a esses serviços prestados pela universidade, ao mesmo tempo em que buscou resgatar as histórias das pessoas impactadas pela maior tragédia climática do estado, adotando uma abordagem sensível e utilizando o jornalismo como ferramenta de documentação e memória social.

Fabiana Moraes (2022) defende a importância do que chama de jornalismo de subjetividade — aquele que valoriza a perspectiva do jornalista — argumentando que essa subjetividade sempre esteve presente na prática jornalística, ainda que encoberta por um discurso centrado na técnica e na eficiência. Nesse sentido, a autora também defende que a pauta precisa ser vista como espaço de reflexão crítica, com potencial para provocar debates e desestabilizar o senso comum, e não apenas como ferramenta de rotina. Moraes (2022) argumenta que o jornalismo deve superar uma abordagem meramente objetiva e buscar engajamento ético e transformador da realidade. É dessa subjetividade que o projeto se apropria.

Isabel Travancas (2012) concebe a entrevista jornalística como uma interação social complexa, na qual jornalista e entrevistado são agentes estratégicos que constroem conjuntamente o discurso. Para Travancas, a entrevista não é um simples reflexo da realidade, mas um evento mediado pelo contexto sociocultural, pelas características do meio de comunicação e pelas dinâmicas de poder envolvidas. Com base nessa perspectiva, todas as entrevistas deste projeto foram realizadas nos locais de moradia das fontes, priorizando o conforto e o respeito à dinâmica relacional proposta pela autora.

Para levar a iniciativa ao espaço público, foram definidas duas estratégias principais de divulgação. A produção textual e fotográfica, publicada no site Em Pauta UFPel, que resulta da colaboração entre projetos de extensão do curso de Jornalismo. Já a parte visual complementar é destinada, em sua maior parte, às

mídias sociais como TikTok e Instagram, onde são utilizados conteúdos estáticos, como ilustrações, fotos e vídeos, adaptados ao estilo e linguagem específicos de cada plataforma.

2. METODOLOGIA

A metodologia da segunda fase do projeto teve início com reuniões preparatórias da equipe, nas quais foram discutidas ideias, possibilidades e modelos de trabalho que pudessem ser considerados relevantes tanto pelos alunos quanto pelos coordenadores. A partir dessas discussões, foram definidos os grupos de trabalho responsáveis por realizar as saídas de campo, apurar informações e produzir as reportagens. Curricularizado, o projeto foi ofertado como disciplina de Práticas Laboratoriais do curso de Jornalismo em 2025.

O projeto das Engenharias, vinculado à Universidade Federal de Pelotas, compartilhou com o "Artefatos Recuperados, Memórias Recontadas: Histórias de Pessoas Atingidas pela Enchente em Pelotas" uma lista de dados contendo informações de cidadãos que tiveram seus eletrodomésticos recuperados pelo projeto. Com esses dados em mãos, a coordenadora do projeto fez contato prévio com possíveis fontes, buscando identificar aquelas dispostas a conceder entrevista. Essa etapa foi fundamental para otimizar o tempo em campo e permitir a elaboração de um calendário de pautas mais eficiente e organizado.

Apesar do planejamento, nem todas as saídas de campo contaram com uma fonte definida previamente. Em diversas ocasiões, as equipes precisaram percorrer diferentes endereços para encontrar pessoas dispostas a compartilhar suas histórias.

A definição dos papéis dentro de cada equipe foi feita pelos próprios integrantes, com base em suas preferências individuais e áreas nas quais se sentiam mais à vontade para atuar. A formação dos grupos também considerou afinidades pessoais e a disponibilidade de datas de cada membro, o que favoreceu um ambiente colaborativo e produtivo. Ao todo, foram realizadas seis saídas de campo, resultando na produção de seis reportagens em profundidade. Outras estratégias de apuração foram adotadas, como receber uma fonte em local que ela indicou, que resultou numa crônica, e levantamento dos dados do projeto das Engenharias após a finalização do projeto, para reabrir a série de reportagens em 2025. No decorrer do semestre, foram publicados cinco materiais jornalístico, havendo ainda a previsão de três reportagens em profundidade no próximo semestre.

As entrevistas aconteceram nas residências das fontes, ambiente onde os entrevistados se sentiam mais confortáveis para compartilhar suas experiências. Esse cenário proporcionou um contato mais próximo entre os jornalistas e as vítimas da enchente, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade vivida por essas pessoas. Além disso, o ambiente doméstico possibilitou o registro fotográfico dos eletrodomésticos recuperados pelo projeto das Engenharias, bem como da compreensão das dimensões da enchente no espaço doméstico, contribuindo para dar o ver o impacto do evento climático extremo nas vidas das famílias atingidas.

O processo de produção foi dividido entre os membros da equipe, respeitando as habilidades específicas de cada um nas áreas de fotografia, vídeo, texto, produção gráfica e ilustração. O contato com as fontes foi mantido mesmo após as entrevistas, com o objetivo de confirmar informações, esclarecer dúvidas

e garantir que o material final estivesse alinhado com os relatos colhidos. Essa continuidade no relacionamento fortaleceu o vínculo com as fontes.

A identidade visual das reportagens foi enriquecida com o apoio de uma estudante de Artes Visuais, responsável pelas ilustrações dos protagonistas das narrativas, e o trabalho de um estudante do Jornalismo que elaborou um manual visual para as produções do projeto e reorganizou a identidade visual do projeto em segunda fase, sem perder a relação com a identidade já construída. Essa colaboração garantiu uma padronização estética dos materiais e contribuiu para a criação de uma identidade visual marcante, que dialoga com a sensibilidade das histórias apresentadas.

Outro destaque metodológico foi a realização de uma oficina sobre jornalismo literário, promovida em julho de 2025 para os integrantes do projeto. Ministrada pelo professor Felipe Adam, do curso de Jornalismo da UFPel, a atividade abordou aspectos teóricos do gênero, apresentou métodos e perspectivas narrativas, e discutiu exemplos marcantes de reportagens literárias. A oficina foi essencial para qualificar ainda mais o olhar e a prática dos estudantes envolvidos.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Partindo da concepção de Travancas (2012) sobre a entrevista como uma interação social complexa e mediada por contextos socioculturais, este projeto acadêmico foi estruturado para causar um impacto relevante tanto na comunidade, composta pelas famílias afetadas pela crise climática, quanto na formação dos estudantes participantes. Ao valorizar as experiências e histórias compartilhadas pelos indivíduos envolvidos, o processo contribui não apenas para a riqueza do conteúdo produzido, mas também para a integração entre diferentes cursos, semestres, interesses e conhecimentos diversos, respeitando as dinâmicas relacionais que permeiam essas interações.

O compartilhamento das histórias das pessoas afetadas pela crise climática assume um papel fundamental como memória social, preservando experiências que ilustram a profundidade e a magnitude dos impactos causados pela tragédia. Esse relato subjetivo não apenas resgata vozes muitas vezes silenciadas e que são afetadas por essas mudanças, mas também transforma a pauta em um espaço de reflexão crítica, trazendo para o centro do debate as pessoas que efetivamente sofrem as consequências desses eventos. O projeto se apropria dessa perspectiva para ir além da mera objetividade, indo de acordo com a perspectiva de Moraes (2022).

Além de preservar memórias e fomentar debates, o material produzido neste projeto reforça a importância da parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e a comunidade pelotense, evidenciando como a escuta atenta e o compromisso com a realidade local podem criar impactos socialmente relevantes. Ao envolver os estudantes em uma prática jornalística comprometida com a escuta, a ética e a reflexão social, a iniciativa contribui diretamente para a formação de profissionais críticos, sensíveis às complexidades do mundo em que atuam e conscientes do papel fundamental que o jornalismo desempenha na construção de uma sociedade mais engajada e consciente.

4. CONSIDERAÇÕES

A segunda fase do projeto Artefatos Recuperados, Memórias Recontadas aprofunda e amplia a proposta iniciada em 2024, consolidando uma prática jornalística que alia escuta sensível, memória social e responsabilidade ética. Ao retornar aos lares afetados pela maior tragédia climática do estado, o projeto reafirma o compromisso da Universidade Federal de Pelotas com a comunidade local e com a formação de estudantes preparados não apenas para o mercado, mas para uma atuação consciente e transformadora.

Mais do que reportar os efeitos de um desastre, o projeto possibilita vivências que colocam os estudantes frente a frente com as realidades sociais por vezes invisibilizadas, ensinando-os a reconhecer o valor contido em cada relato. As experiências compartilhadas pelas fontes se transformam em registros de memória coletiva, contribuindo para um jornalismo que documenta, denúncia e emociona.

Ao adotar o jornalismo de subjetividade proposto por Fabiane Moraes (2022) e a concepção relacional da entrevista de Isabel Travancas (2012), a prática extensionista realizada ao longo desta etapa fortaleceu a compreensão de que narrar histórias também é um ato político, ético e afetivo. As reportagens resultantes dessa escuta atenta funcionam como arquivos vivos de uma cidade afetada por esses desastres, mas também como espaços de resistência e reconstrução simbólica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORAES, Fabiana . **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.
- MORAES, Fabiana. Para que serve um jornalismo de subjetividade?. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; SILVA, Márcia Veiga da (org.). **Livro de repórter**: Autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2019. p. 411-433.
- TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando Jornalistas. In: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista**: na prática jornalística e na pesquisa. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 15 - 29.